

AMAZON ORIGINAL STORIES

NAVESSA ALLEN

#1 *New York Times* bestselling
author of *Lights Out*

Valentine's

SLAY





SINOPSE

As rosas são vermelhas, as violetas são azuis, Emma não está morta e o seu coveiro também é atraente. Neste Dia dos Namorados, o amor sai da sepultura na comédia romântica sensual e hilariante da autora best-seller do *New York Times*, Navessa Allen.

O turno da noite de Dia dos Namorados do coveiro Noah Evans, da Louisiana, dá uma reviravolta inesperada quando a sua paixão do colégio começa a gritar da sua sepultura recém-cavada. Quem quer que tenha tentado enterrar Emma a dois metros de profundidade terá uma surpresa desagradável – deveriam ter verificado se ela tinha pulso, porque ela tem assuntos pendentes, a começar pelo coveiro gostoso que acabou de salvar sua vida. Ao desenterrarem uma conspiração familiar mortal, Noah e Emma descobrem que velhas paixões queimam ainda mais forte na segunda vez – especialmente quando alguém está tentando matá-los.

*Para todos aqueles que sempre quiseram se
divertir muito entre as lápides.*

CAPÍTULO I

Noah

Alguém estava gemendo.

Num cemitério.

À noite.

A maioria das pessoas normais teria ficado assustada com isso, mas eu estava mais irritado do que qualquer outra coisa. Eu tinha acabado de colocar grama sobre uma cova recém-cavada e estava pronto para arrumar minhas coisas e ir para casa, então, é claro, era *agora que os resmungos começariam*.

Outro grunhido baixo chegou aos meus ouvidos. Tentei me convencer de que era apenas o vento.

O único problema com essa suposição era que não havia vento. O ar estava tão morto quanto as pessoas sob meus pés.

Então... outra coisa, talvez.

Agucei os ouvidos e inclinei a cabeça. Os gemidos ficaram mais altos.

“Droga,” murmurei. Eu ia ter que fazer alguma coisa a respeito, não é?

O cemitério de Thibodeaux era um dos mais antigos da Louisiana, e minha família cuidava dele há três gerações. A grama

era aparada, as lápides estavam bem conservadas e os caminhos de cascalho eram lisos e nivelados. Num dia de pleno verão, era algo para se contemplar: carvalhos centenários cobertos de musgo espanhol erguiam-se como sentinelas entre as lápides; o ar zumbia com cigarras e grilos; os visitantes prestavam silenciosamente suas homenagens àqueles que os precederam. Agora, à noite, em pleno inverno, era um pouco menos acolhedor, os galhos das árvores alongados e esqueléticos, a quietude silenciosa dava a sensação de que a escuridão prendia a respiração.

Passei a vida inteira perambulando por esses seis hectares, e mesmo assim, às vezes, achava tudo meio assustador. Os góticos da cidade e os turistas vampiros (sim, isso existia) que o visitavam regularmente pareciam achar o lugar romântico. Não havia um mês sequer em que eu não flagrasse alguém transando entre as lápides, e como *era* Dia dos Namorados, eu provavelmente deveria ter previsto algo assim. Mas, caramba, eu não queria lidar com isso.

Hoje tinha sido um dia longo e difícil. Mais cedo, tive que baixar o caixão de Emma Broadturn à sepultura. Nós estudamos juntos no ensino médio, e eu era obcecado por ela. De longe, porque havia um certo estigma em torno da minha família do qual era difícil escapar, e mesmo que eu não me vestisse de preto nem ficasse rondando a escola, eu ainda era conhecido como aquela criança sinistra do cemitério.

Emma Miller (seu nome de solteira) tinha sido a garota popular, rainha do baile, a melhor da turma, eleita a mais querida, a mais bem vestida e praticamente todos os outros prêmios do anuário que existem. Tudo o que eu conseguia pensar enquanto meu pai e eu baixávamos seu caixão à sepultura era em como tudo aquilo era um desperdício. Que ela tivesse vivido uma vida tão abençoada para morrer em um acidente bizarro aos trinta e dois anos. Eu nunca tinha sido muito existencialista, mas a morte dela me atingiu em cheio, e passei as últimas horas me perguntando qual era o sentido de tudo aquilo.

E se perguntando o que diabos ela viu em seu marido, Beau Broadturn. Por que ela deixou de lado seus próprios sonhos brilhantes para se casar com ele logo depois do ensino médio e seguiu-lo pelo país enquanto ele cursava medicina e fazia residência em algum hospital universitário renomado no Nordeste. Depois, eles voltaram para casa para que Beau pudesse trabalhar no hospital particular da família – o único estabelecimento médico em todo o condado. Os Broadturn cuidavam de pessoas ali desde os tempos em que as estradas eram de terra e o principal meio de transporte eram os animais. Eles eram quase uma dinastia por essas bandas, e os poucos membros da família que não se formaram em medicina seguiram outras carreiras importantes na região: advogados, policiais, até mesmo um ou dois estadistas.

Eu odiava todos eles porque eram arrogantes ao extremo, uma das poucas famílias com algum dinheiro na região, e por algum motivo, isso os fazia pensar que eram melhores do que todos os outros. Beau era o produto desse elitismo, um verdadeiro pesadelo no ensino médio. Ele era charmoso e engraçado com Emma e todos os seus amigos, mas um completo idiota com todos os outros.

E Beau só piorava com a idade. Rumores sobre suas infidelidades circulavam pela cidade, mas Emma continuava com ele por algum motivo. Sem dúvida, ele sempre encontrou um jeito de convencê-la de que os rumores eram mentira. Ele sempre foi bom de lábia.

Bem, agora ela estava morta, e ele estava livre para dormir com quantas mulheres quisesse sem ter que esconder nada. Eu tinha certeza de que ele faria isso imediatamente, porque aquele filho da puta não derramou uma única lágrima durante o velório da Emma. E sim, cada um lida com o luto de um jeito, mas eu já tinha visto mais funerais e enlutados do que conseguia contar, e isso me tornou bom em reconhecer o luto. Beau não havia demonstrado nenhum sinal disso. Ele apenas parecia impaciente para sair dali.

Aquilo me deixou furioso e partiu meu coração por Emma, e tudo o que eu queria era ir para casa e me afogar em um copo de uísque. Em vez disso, eu estava prestes a sair correndo atrás de uns tarados que estavam nos arbustos.

Respirei fundo e olhei para o céu noturno límpido, onde dois cometas se aproximavam em alta velocidade. Eles não iriam colidir de fato, mas o ângulo de visão da Terra dava a impressão de que se cruzariam. A mídia havia romantizado o evento, por acontecer no Dia dos Namorados, chamando-os de Amantes Desafortunados. O mundo inteiro celebrava a dupla naquela noite, com cidades organizando festas para observá-los e casais planejando encontros noturnos para vê-los.

Desviei o olhar bruscamente, balançando a cabeça. Que grande mentira.

Outro gemido baixo chegou aos meus ouvidos, mais alto desta vez, mais torturado. Parecia que alguém estava prestes a ejacular. Empunhei minha pá em uma mão e minha lanterna na outra e caminhei em direção aos ruídos, movendo-me em uma pequena esfera de luz enquanto me esquivava entre as sepulturas, tomando cuidado para não pisar no local de descanso eterno de ninguém.

“É melhor que não seja você de novo, Cash Andrews!” gritei. Ele era o vocalista de uma banda de rock local, e eu já tinha expulsado aquele cara fantasiado de Lestat daqui três vezes nos últimos dois meses.

Os gemidos cessaram. Dei um sorriso. Talvez eles dessem o fora antes mesmo de eu chegar perto, e aí eu estaria livre para ir para casa e beber até desmaiar. Amanhã *era* meu único dia de folga,

meu pai e meu irmão mais velho cuidariam de tudo na minha ausência.

Um grito rasgou o cemitério.

Parei abruptamente, com os cabelos da nuca arrepiados. Aquele não era o som de um clímax. Era agudo, aterrorizante. Abafado, como se alguém tentasse sufocá-lo. O tipo de grito que se ouve em filmes de terror e documentários sobre assassinos em série. O tipo de grito do qual você foge, se for esperto.

Infelizmente, eu nunca fui o mais esperto, e além disso, parecia voz de mulher. De jeito nenhum eu a deixaria aqui fora. Minha mãe me daria uma surra se descobrisse, e minha consciência nunca me deixaria viver comigo mesmo. Pelo menos eu era um cara grandalhão filho da puta – alto, largo de ombros, moldado por longos dias de trabalho braçal. Se eu sabia alguma coisa sobre o tipo de homem que se aproveitava de mulheres, era que todos eles eram uns covardes, então eu esperava conseguir espantá-los sem muita dificuldade.

Liguei a lanterna na potência máxima e comecei a correr.

“Ei! Você está bem?!”

Outro grito.

Porra.

Acelerei o passo, desviando das lápides maiores em meu caminho, saltando sobre as menores, com medo e adrenalina pulsando em minhas veias. Meus pulmões arfavam, minhas pernas

ardiam, mas continuei avançando, movendo-me mais rápido do que em anos.

“Espere! Já estou indo!”

A resposta foi outro grito arrepiante, tão próximo que parecia que ela estava logo atrás da árvore seguinte. Parei bruscamente do outro lado, iluminando tudo com a lanterna, procurando por ela, mas não vendo ninguém.

“Onde você está?” gritei.

Outro grito, abafado, como se eu estivesse em cima dela. Girei em círculos, a luz oscilando, e ainda não vi ninguém. Droga, cheguei a olhar para as árvores. Nada.

Meu olhar se deteve na lápide mais próxima, e eu paralisei.

Emma Broadturn.

“*SOCORRO!*” gritou a voz.

O horror me invadiu.

Parecia que eu estava em cima dela, porque *eu estava*.

Inclinei a cabeça para baixo em câmera lenta.

Os gritos vinham do túmulo de Emma.

CAPÍTULO 2

Noah

Eu tinha adormecido.

Deve ser isso.

Eu estava tão exausto que acabei adormecendo no catre no galpão do zelador, e isso foi algum tipo de pesadelo lúcido. Ou talvez eu estivesse passando por um episódio de saúde mental.

Ou talvez fosse... outra coisa.

Olhei em volta, sentindo um arrepio na espinha. Eu não era um homem supersticioso, especialmente porque, em todos os meus anos trabalhando nesta terra, nunca havia encontrado um fantasma sequer – e se não havia fantasmas em um dos cemitérios mais antigos da Louisiana, provavelmente não havia em *lugar nenhum*. Mas se algo fosse me convencer de que eu estava errado, seria estar em cima de uma sepultura recente, ouvindo os gritos abafados da mulher que eu acabara de enterrar.

Eu estava meio apavorado com a possibilidade de sua figura sombria e transparente flutuar em minha direção, vinda da escuridão, ou pior, que suas mãos emergissem do chão, mas não vi nada. A única outra explicação que me ocorreu foi que se tratava de uma brincadeira. Que Beau Broadturn tivesse colocado um alto-

falante no caixão da esposa. Mas, por mais idiota que Beau fosse, eu não conseguia acreditar nisso. Não consigo pensar numa única vez em que ele tenha pregado uma peça em alguém, e eu não o vejo começando agora.

“*SOCORRO!*” gritou alguém bem debaixo dos meus pés.

“Estou aqui!” gritei, porque se Emma estivesse de alguma forma viva e presa lá embaixo, ela deveria saber que não estava sozinha. “Emma, é você?”

“Sim!”

Putá merda.

“Onde estou?” ela gritou.

Senti um arrepio. Não. Não ia gritar “*Seis palmos abaixo da terra num caixão!*” de volta para ela, porque ela já parecia estar em pânico total.

“Você está presa!” gritei de volta. “Mas eu vou te tirar daqui!”

“Quem é você?”

“Noah Evans! Preciso que você tente manter a calma, ok?” Eu não tinha ideia de quanto ar ainda restava lá embaixo, mas não devia ser muito. Normalmente, só dava para algumas horas. O fato de ela ainda estar viva era um maldito milagre.

Principalmente considerando que *ela faleceu há dois dias*.

“Noah Evans, o coveiro?!” ela gritou.

Ah, então ela se lembrou de mim.

“ISTO É UM CAIXÃO? MEU DEUS, TIREM-ME DAQUI!”

O som de pancadas ecoou de baixo, seguido por mais gritos.

Muito bem, Noah. Ótimo trabalho, piorando tudo como você sempre faz, me repreendi.

Chamei-a pelo nome várias vezes antes que ela finalmente parasse de gritar. “Preciso ir buscar a escavadeira! Se eu tentar te desenterrar à mão, vai demorar uma eternidade!”

“Não me deixe!”

“Só por um segundo, e já volto!”

O som de soluços atingiu meus ouvidos, partindo meu coração.

“Emma, eu prometo, vou te tirar daí, você só precisa tentar se acalmar. Por favor, querida,” disse, o carinho escapando dos meus lábios sem pensar. Nessa região do país, era um termo comum.

“Está bem, mas... por favor, apresse-se,” disse ela.

Voltei correndo pelo mesmo caminho, amaldiçoando minhas botas de trabalho pesadas e desejando estar usando tênis. A escavadeira estava guardada na garagem a noite, e levaria um tempo para trazê-la de volta, mas tentar libertar Emma sem ela levaria pelo menos quatro horas, e eu não sabia se ela ainda teria fôlego para isso.

Poucos minutos depois, girei a chave na máquina e saí ruidosamente para a noite, atravessando os túmulos em vez de

seguir pela estrada, sabendo que meu pai ia me xingar porque deixaria marcas e talvez afundasse alguns dos túmulos mais recentes. Não havia nada que eu pudesse fazer. Além disso, eu tinha certeza de que, assim que meu pai entendesse as circunstâncias, ele me perdoaria.

Depois do que me pareceu uma eternidade, estacionei a máquina a poucos metros do túmulo de Emma, desliguei o motor e saltei para fora.

“Voltei!” eu disse a ela, e ouvi seu soluço de alívio. “Vou começar a cavar com o máximo cuidado possível, mas preciso que você grite bem alto se o caixão rachar ou ceder.”

“Ai, meu Deus,” ela gemeu, com a voz apavorada.

“Eu sei como fazer, Emma. Não vou te machucar.”

“Você promete?” ela perguntou.

“Eu prometo.”

Por favor, universo, não me faça mentir agora, implorei, pulando de volta para a escavadeira e ligando-a. Eu *era* bom nisso, o melhor da minha família, dedicando horas todos os meses, mas este seria o teste definitivo da minha habilidade.

Estendi o braço sobre o túmulo da Emma e respirei fundo para me acalmar. Meu corpo inteiro tremia com uma mistura de medo e adrenalina, e um movimento brusco dos meus dedos poderia ser desastroso. Me esforçando para seguir meu próprio conselho e me acalmar, inclinei cuidadosamente a pá e, mais

devagar do que jamais fui na vida, retirei a primeira porção de terra, com os ouvidos atentos a qualquer grito que pudesse ser ouvido acima do ronco do motor.

Não ouvi nenhum, mas cortei o som por precaução.

“Você ainda está bem?” perguntei.

“Eu não diria que estou *bem*, mas a tampa está aguentando!”

“Então vou continuar trabalhando,” eu disse para Emma, e voltei ao trabalho, levantando mais uma carga, parando para ver como ela estava repetindo essa sequência várias vezes, até ter movido o máximo de grama que eu conseguia com segurança. Todo o resto, eu teria que fazer manualmente.

Saltei para fora e corri para a minha pá. “Bata na madeira perto da sua cabeça, com toda a força que tiver!”

Emma bateu na tampa. Desci até o lado oposto da cova, aos seus pés, e comecei a cavar mais rápido do que jamais havia feito na vida, grato por a terra não estar muito compactada. Debaixo de mim, eu podia ouvir sua respiração, alta, irregular, como se estivesse hiperventilando.

“Emma, você precisa se acalmar,” eu disse a ela.

“*Calma* aí!” ela gritou de volta, e eu fiquei aliviado ao ouvir um pouco da sua personalidade forte transparecer em meio ao pânico. Era como a Emma de antigamente. Aquela com quem eu cresci. Não a esposa perfeita em que ela se transformou depois de se casar com Beau.

“Não seja rude ou eu te deixo onde você está,” ameacei.

Um suspiro audível. “Noah!”

“Ah, qual é, ora. Você tem que me ouvir aqui em cima suando a camisa tentando te tirar daqui.”

“Só ouço seus pés enormes pisando forte. Se você me esmagar, juro por Deus, vou te assombrar.”

Balancei a cabeça, dando uma risadinha de alívio, um som quase histérico, porque, que porra era essa? Como ela estava viva? Devia ter havido uma autópsia. Embalsamamento. Algum tipo de processo que deveria ter levado alguém a descobrir que *ela não estava realmente morta*.

“Como é que eu cheguei aqui?” ela perguntou, repetindo o que eu estava pensando.

“Poderei responder a todas as suas perguntas quando você sair,” eu disse a ela. “Apenas tente se manter o mais calma possível enquanto eu trabalho.”

“Você pode... falar comigo?” perguntou ela, com a voz embargada. “Está muito silencioso aqui, e eu estou com muito medo.”

Comecei a cavar mais rápido. “Claro que posso. É noite aqui em cima, meados de fevereiro. Só faltam uns quinze centímetros de terra, aí você sai e eu ligo para o 911.”

“Não!” ela gritou.

“Você precisa consultar um médico.”

“NÃO, NOAH! Prometa-me.”

“Não posso fazer isso. Você já passou por muita coisa.”

Não disse mais nada, não sabia o quanto ela se lembrava. Sim, ela tinha “morrido” dois dias atrás, mas antes disso, ficou em coma por mais três. Aparentemente, ela tropeçou descendo as escadas e Beau só a encontrou quando chegou do trabalho. Ela sofreu um ferimento na cabeça e entrou em coma. Quando descobriram que ela estava com morte cerebral, Beau decidiu desligar os aparelhos, contra a vontade da família dela. E agora lá estava ela, viva e gritando, me traumatizando de uma forma que com certeza exigiria terapia.

“O xerife ainda é irmão do Beau?” ela perguntou.

“Sim.”

“Então *não*. Não podemos ligar para o 911, porque aí o Beau vai descobrir que estou viva e tentar me matar.”

Paralisei, minha pá fincada na terra, um arrepio de inquietação percorrendo minha espinha. Nada na última semana me pareceu certo, e eu já suspeitava de Beau, mas Emma acabou de insinuar que ele tentou matá-la?

Soltei um suspiro e joguei a pá de terra por cima do ombro.

“Certo. Não vamos ligar para o 911.”

“Obrigada,” disse ela, com a voz quase inaudível. “Por favor, continue falando.”

“Está uma noite agradável aqui fora.” Nos vinte minutos seguintes, conversei com ela, puxando o papo furado mais banal da minha vida, dizendo muito mais do que costumava dizer. De vez em quando, parava para checar se ela ainda estava respirando, meu coração quase parando se ela não respondesse imediatamente. O tempo todo, no fundo da minha mente, eu xingava o Beau. Se ele realmente tivesse tentado matá-la...

Minha pá bateu em algo duro.

“Ah, graças a Deus,” soluçou Emma.

Rapidamente retirei o resto da terra. “Feche a boca e cubra o rosto,” eu disse a ela. “Vou abrir a tampa e a terra vai cair dentro.”

“Ok!”

“Preparada?”

“Pronta!”

Retirei a tampa, ainda meio convencido de que aquilo era algum tipo de delírio febril, mas lá estava ela, deslumbrante como sempre, suas curvas envoltas em um vestido branco de verão, os cabelos loiros espalhados pelo travesseiro, a terra desmoronando ao seu redor, ainda muito viva.

Ela afastou as mãos e tentou se levantar, mas escorregou no forro de seda. Sem pensar, agarrei-a, puxando-a para perto, e ela me abraçou pelo pescoço.

“Obrigada,” ela soluçou em meu ombro, com o corpo tomado por tremores.

Eu também estava tremendo bastante. “Meu Deus, você está bem?”

“Não!” ela gritou.

“Tem certeza de que não quer que eu ligue para alguém?”

“Não, por favor. Ninguém.”

“Nem mesmo a sua família?”

Ela balançou a cabeça contra meu peito. “Eu só... preciso de um tempo para pensar. Tem algum lugar para onde você possa me levar e onde eu fique segura?”

“Quer dizer, minha cabana, mas é...”

“Sim. Por favor. Podemos ir lá agora?”

Cada instinto meu gritava para levar aquela mulher a um médico. Três dias em coma, dois dias morta, e então ela magicamente voltou à vida? Isso *certamente* exigia atenção médica, certo? Ora, os cientistas provavelmente iriam querer estudá-la. Mas ela parecia tão assustada, tão convencida de que estava em perigo, e com o irmão de Beau sendo o xerife, e mais dois primos na polícia, ligar para eles significaria que ele seria notificado imediatamente. E não era como se pudéssemos levá-la a uma clínica local sem que Beau descobrisse.

Ele podia ser um tremendo babaca, mas era inteligente e rico. Não me surpreenderia se ele desse um jeito de transferir a Emma de volta para o hospital da família sob sua supervisão, onde teria controle total sobre ela novamente.

“Emma, se você está mesmo decidida a se esconder, precisamos reconstruir essa sepultura.”

“Quanto tempo isso vai demorar? Preciso de um banho.” Ela recuou o suficiente para olhar em volta, com as pupilas dilatadas de medo. “E, preciso sair deste buraco.”

“Horas se eu fizer isso sozinho. Posso te levar para minha casa, te acomodar primeiro e depois voltar.”

Ela se agarrou com mais força. “Não, por favor, não me deixe. Não posso ficar sozinha agora.”

“Então pelo menos me deixe ligar para o meu pai. Ele pode resolver isso, e você sabe que aquele homem sabe guardar segredo.”

Ela hesitou, provavelmente imaginando meu pai, Hank Evans, o grandalhão assustador, barbudo e antissocial que todos na cidade evitavam. Quase ninguém falava com ele além de sua família imediata, e ele só falava com outros moradores se fosse obrigado sob a mira de uma arma. Ou seja, nunca. Em termos de guardar segredos, ele era o melhor que existia.

“Ele não vai contar para ninguém?” perguntou Emma.

“Não, se eu lhe pedir para não fazer isso.”

Ela olhou para mim, seus olhos castanhos poços de escuridão sem fundo. “Você promete?”

“Prometo.”

Ela soltou o suspiro mais longo que eu já tinha ouvido.
“Tudo bem, então.”

“Vou te ajudar a levantar agora,” avisei. “Me avise se alguma coisa doer.”

Ela tentou se desvencilhar. “Não, eu sou muito pesada.”

Franzi a testa, abracei-a com mais força e me levantei lentamente, com os braços em volta de sua cintura, sustentando-a com facilidade. Ela era uma deusa curvilínea? Sim. Eu ainda conseguiria levantá-la no supino? Também sim.

“Ah,” disse ela em voz baixa, olhando para baixo.

“Você consegue se firmar nos pés?” perguntei.

“S-sim, desculpe.”

Dei-lhe um segundo e depois coloquei-a delicadamente sobre eles, avisando-a de que o forro de seda era escorregadio. Ela cambaleou um pouco, com as pernas relutantes em sustentá-la. Ao ver a sua instabilidade, decidi que a maneira mais fácil de nos tirar dali seria eu subir primeiro e depois puxá-la para fora.

Poucos minutos depois, estávamos na escavadeira voltando para a garagem, ambos cobertos de terra. Emma estava sentada no meu colo porque o assento só comportava uma pessoa. O Noah do ensino médio teria ficado louco com isso, mas o Noah adulto... Estava tão preocupado com o bem-estar de Emma que não conseguia apreciar a presença de uma mulher tão linda em seus

braços. Lutava para processar os acontecimentos da última hora; não conseguia nem imaginar como ela estava se sentindo.

“Fale comigo,” disse. “Estou preocupado que você possa entrar em choque ou algo assim.”

“Sinto que talvez já estou lá,” disse ela, tremendo.

Com a mão livre, puxei-a para mais perto. “Desculpe, estou tão suado.”

“Não, não me importo,” disse ela. “Preciso do calor do corpo.”

“Emma... como diabos isso aconteceu?”

Ela balançou a cabeça. “Não faço ideia. A última coisa de que me lembro é de ter ouvido outro boato sobre o Beau estar me traindo, e acho que surtei ou algo assim. Entrei no escritório dele e abri todas as gavetas trancadas da escrivaninha, tentando encontrar provas para que ele não pudesse mentir para mim dessa vez. Em vez disso, encontrei um monte de contas atrasadas e uma pilha de avisos de atraso do nosso financiamento imobiliário e dos carros. Temos uma conta conjunta, mas ele pagava quase tudo com uma conta separada, à qual só ele tinha acesso. Consegui acessar essa conta pelo computador dele e... bem, estava no vermelho. Revisei o histórico de pagamentos até onde pude. Estávamos vivendo muito acima das nossas possibilidades há anos.”

“Como?” perguntei. Entre a herança e o salário de Beau, eles deveriam estar nadando em dinheiro.

“Era isso que eu queria saber,” disse ela. “Esperei que ele chegasse em casa e o confrontei. A última lembrança que tenho é de nós dois brigando no topo da escada, e... acho que ele me empurrou escada abaixo.”

Apertei-a ainda mais, começando a tremer novamente. Desta vez, com uma vontade violenta de assassinar o marido dela. “Sinto muito, porra, sinto muito,” disse, as palavras parecendo insuficientes.

Ela fungou, apoiou a cabeça no meu ombro e começou a chorar de novo, o som abafado enquanto tentava conter as lágrimas. Tirei o pé do acelerador e a abracei forte, porque minhas pernas compridas me permitiam dirigir com o joelho nessa velocidade. “Eu estou aqui com você,” disse. “Tudo bem se soltar.”

Seu corpo se contraiu quando as comportas se abriram, e soluços altos, profundos e dilacerantes escaparam de sua garganta. Eu queria poder fazer algo além de apenas ficar ali sentado e abraçá-la. Queria poder aliviar sua dor ou voltar no tempo para impedir que isso acontecesse. Ninguém deveria ter que passar pelo que ela passou. Não é de admirar que ela não confiasse em ninguém agora. Não é de admirar que ela precisasse de tempo para processar tudo.

Passei as mãos pelas costas dela, fazendo sons suaves, enquanto dirigia com os olhos percorrendo o terreno, porque a história dela tinha me deixado paranoico, e eu estava preocupado

que Beau pudesse aparecer de repente para... sei lá? Verificar o túmulo ou algo assim? Garantir que o trabalho dele estava completo? Assassinos sempre faziam coisas desse tipo em documentários sobre crimes.

Deus o ajude se ele fez isso. Porque eu fiquei furioso o suficiente para enterrá-*lo* vivo.

CAPÍTULO 3

Noah

Emma começou a se acalmar quando chegamos à garagem. Entrei direto na vaga aberta e desliguei o motor. Ficamos ali por mais alguns minutos até que as lágrimas dela diminuíssem, e então me levantei, segurando-a no colo, e fui em direção à minha caminhonete.

“Provavelmente consigo andar,” disse ela.

“O fato de você não ter 100% de certeza disso significa que você está sendo carregada.”

Acomodei-a no banco do passageiro e fui para o meu lado ligar o motor e aumentar o aquecimento. Sim, estava fazendo um pouco de calor, mas ainda estava apenas a uns 15 graus Celsius, e a pele da Emma estava gelada. Eu preferia continuar suando a vê-la tremendo de frio.

Engatei a marcha à ré na caminhonete e liguei para meu pai enquanto começava a dar ré.

“Você vem jantar aqui?” perguntou ele, respondendo com sua voz rouca e familiar.

“Não, pai. Emma está viva,” eu lhe disse.

A ligação caiu.

Liguei de volta para ele, gritando: “Não desligue!” quando ele atendeu, e desta vez, ele me ouviu enquanto eu contava toda a história.

“Você não está brincando comigo?” disse ele.

“Ele não está,” respondeu Emma com a voz trêmula.

Papai praguejou. “Vou lá agora mesmo. E não se preocupe, não contarei a ninguém.”

Agradei e desliguei. Meus pais moravam na propriedade, em uma casa de caseiro reformada, logo além da cerca dos fundos. Eles tinham seu próprio pequeno espaço lá, cercado pela floresta, e minha mãe tinha espaço suficiente para uma horta de tamanho razoável e seu próprio apiário. Em noites como esta, quando eu trabalhava até tarde, geralmente passava para jantar lá antes de ir para casa, porque minha mãe insistia, duvidando da minha capacidade de me alimentar sozinho, embora ela tivesse feito um ótimo trabalho me ensinando a cozinhar.

“Vou pegar o caminho de trás para casa,” avisei a Emma. “Só por precaução. Se cruzarmos com alguém, abaixe-se.”

“Eu vou.”

Thibodaux era uma cidade minúscula. Com uma população de pouco menos de três mil habitantes, todo mundo se conhecia. *E* sabia da vida de todo mundo. Minha caminhonete era uma Ford antiga que meu pai me deu quando tirei a carteira de motorista, e eu cuidava dela desde então. Era levantada, pintada de um verde-

musgo escuro e barulhenta porque era a diesel. Ou seja, todo mundo sabia que era minha caminhonete, e como eu não namorava ninguém desde que eu e a Maisie terminamos, seis meses atrás, bastava alguém me ver passando com uma loira no banco do passageiro para os boatos começarem.

“O que aconteceu comigo... depois?” perguntou Emma.

Olhei para ela de relance quando passamos por baixo de um poste de luz e, nossa, ela estava linda, mesmo com manchas de choro, toda coberta de maquiagem. Ela estava enlameada, visivelmente exausta e aterrorizada. Beau Broadturn era um completo idiota. E um tremendo babaca. A última coisa que eu queria era magoar essa mulher ainda mais do que ela já estava sofrendo, mas ela merecia saber toda a verdade sobre o que ele fez com ela e sua família.

“Não é uma história bonita,” avisei. “Está pronta para ouvi-la agora, ou prefere esperar até se recuperar um pouco?”

Ela soltou uma risada sem humor. “Acho que não tem como se recuperar disso.”

Antes que eu pudesse repensar a situação, estendi a mão, pousando em seu ombro e apertando-o. “Se alguém pode se recuperar disso, essa pessoa é você, Emma.”

Seu queixo tremeu e seus olhos ficaram marejados. “Obrigada. Eu... eu acho que gostaria de ouvir a história agora.”

Dei-lhe mais um aperto e a soltei, voltando minha atenção para a estrada, pois já era tarde e havia muitos cervos naquela região. “Bem, Beau tinha controle total sobre você desde o início. Levou você direto para o hospital sem contar a ninguém que havia ocorrido um acidente. Sua mãe só descobriu no dia seguinte. Ela e você tinham combinado de almoçar, disse ela, e só recebia mensagens na sua caixa postal. Beau não atendia às ligações nem respondia às mensagens, então ela finalmente foi à delegacia para que verificassem seu bem-estar, e foi aí que Ben Broadturn deixou escapar que você estava em coma.”

Emma recostou-se no encosto de cabeça, com os olhos fechados. “Oh, mamãe.”

“Ela ficou furiosa,” disse. “Foi direto para o hospital tentar te ver, mas Beau disse que seu estado era muito grave para receber visitas. Ele enrolou ela e seu pai por mais um dia antes que eles conseguissem entrar. Mesmo assim, não puderam fazer muita coisa. Beau era seu procurador para assuntos médicos, seu marido e médico. Ele tinha o direito de... Ele tinha controle absoluto sobre você e não dava ouvidos a ninguém quando queriam trazer especialistas externos para uma segunda opinião.”

Emma emitiu um som baixo e raivoso. “Aquele filho da puta.”

“Seu pai tentou registrar uma queixa de conflito de interesses no hospital, mas, como você sabe, o pai de Beau é o

diretor do hospital e recusou. Acho que seus pais estavam tentando recorrer à comissão estadual de saúde, mas a burocracia atrasou o processo e, a essa altura, Beau já havia declarado você com morte cerebral.”

“É óbvio que sim,” ela respondeu com sarcasmo.

“Ele, hum...” Droga, como vou dizer isso para ela? “Ele não deu aos seus pais a chance de se despedirem antes de desligar os aparelhos.”

Ela cerrou os punhos, o único aviso que tive antes de se inclinar para a frente no banco e *gritar*. Foi de gelar o sangue, arrepiante, um som arrancado direto do inferno. Graças a Deus não havia mais ninguém na estrada conosco, porque me pegou tão desprevenido que me afastei dela bruscamente. Cheguei a invadir a faixa contrária por um instante antes que eu conseguisse nos endireitar.

“Vou *matar aquele filho da puta*,” ela vociferou.

“Sem querer me gabar, mas sou *muito* bom em me livrar de corpos.”

Ela se virou na minha direção. “Cuidado ao se oferecer para ajudar, porque estou falando muito sério. Sabe, acho que ele pode ter tentado me matar por meses?”

Minha mão apertou o volante com mais força. “O quê?”

“Mesmo antes da queda, eu não estava bem,” disse ela. “Eu estava doente havia uns seis meses e só piorava, com todos esses

sintomas estranhos que o Beau dizia não conseguir descobrir. Ele me convenceu de que era algum tipo de doença autoimune. O mais estranho é que ele viajou por uma semana para um congresso médico e, enquanto ele estava fora, eu Comecei a me sentir melhor. Quando ele chegou em casa, os sintomas pioraram novamente. Pensando bem, acho que ele poderia ter sido o responsável por me *deixar* doente, como se tivesse me passado alguma coisa, mas na época, imaginei que fosse por causa do estresse, porque nosso casamento... não estava indo bem. Não só pelos rumores de traição, mas – meu Deus, é tão constrangedor dizer isso em voz alta – ele não me tocava há meses. Mesmo que eu implorasse. Ele culpava a doença, mas eu também estava engordando, e ele tinha *opiniões* sobre isso.” Ela enterrou o rosto nas mãos. “Ai, meu Deus, não acredito que acabei de dizer isso. Me desculpe. Não nos falamos desde o ensino médio, e aqui estou eu, falando demais sobre minha vida sexual.”

Tentei reprimir minha raiva de Beau e controlar meu tom de voz, mas foi impossível. “Criamos um vínculo traumático,” eu disse. “As regras normais de uma conversa não se aplicam mais. Além disso? Beau é um completo idiota. Ele é que deveria ter sido o que implorava para *você*... Meu Deus, ele não percebeu o que tinha?”

Ela ficou em silêncio, e eu queria me chutar porque provavelmente tinha ultrapassado algum limite, mas, droga, não

tinha jeito. Eu queria matar o Beau com as minhas próprias mãos, não só por ter machucado a Emma fisicamente, mas também pelo dano emocional que ele claramente lhe causou.

“Você está falando sério?” perguntou ela em voz baixa.

Lancei lhe um olhar como se ela fosse louca, porque, olá? “Você é a mulher mais linda da região, e se um homem não a faz sentir-se assim a cada segundo da sua vida, então ele não merece nem estar na sua presença. E não estou falando apenas da sua aparência. Você também tem uma alma linda, Emma Miller.”

“Obrigada,” ela sussurrou.

“De nada.”

Acionei o pisca-alerta e entrei na estrada empoeirada que levava para casa.

“Sabe qual é a parte mais louca de tudo isso?” disse ela.

Balancei a cabeça negativamente. Havia opções demais para escolher.

“Eu literalmente acabei de sair de um caixão e me sinto melhor do que há muito tempo. Se eu realmente tivesse sofrido um traumatismo craniano tão grave, se eu realmente estivesse em coma, não deveria estar, sei lá, toda debilitada por causa disso? Em vez disso, me sinto bem. Até descansada. Como se tivesse acabado de acordar de uma ótima noite de sono. Quer dizer, também me sinto fraca pra caramba, porque fiquei imóvel por...” Ela me olhou com uma expressão interrogativa.

“Incluindo o tempo em que você esteve em coma, cerca de seis dias.”

Ela assentiu. “E, no entanto, estou estranhamente energizada. Mentalmente, também me sinto mais eu mesma. Não tenho mais aquela névoa mental horrível que eu sentia nos meses que antecederam a queda. Tudo está mais claro, e estou muito mais alerta, presente e consciente de tudo ao meu redor.”

Lancei lhe um olhar de soslaio. “Alguma aversão repentina a alho? Vontade de beber meu sangue?”

Ela deu um tapa no meu braço. “Eu não sou uma vampira.”

Eu bufei. “É exatamente o que um vampiro *diria*.”

“Noah.”

“Desculpe, trabalho com mortos há tanto tempo que meu humor ficou um pouco mórbido.” Um olhar de soslaio mostrou-a balançando a cabeça para mim. “Falando sério, você acha que Beau pode ter induzido seu coma ou algo assim?”

“Parece possível. Ele tinha acesso a tudo o que precisava. Além disso, o controle constante, não deixando ninguém mais me ver? Isso é muito suspeito.”

Minha cabeça girou. “O que significa que ele sabia que você não estava realmente em morte cerebral. Então, o que ele fez? Te envenenou bem na hora de desligar os aparelhos e errou a dosagem, para que você sobrevivesse?”

“Não estaria apresentando sinais de envenenamento? Nem sequer sinto náuseas.”

“Bem, então ele poderia ter...” A frase ficou presa na minha garganta enquanto meu cérebro tentava processar o que eu estava dizendo. Não. Era horrível demais para dizer em voz alta, quanto mais para contemplar.

“O quê?” perguntou Emma.

Balancei a cabeça negativamente.

“Basta dizer.”

Balancei a cabeça com mais força.

“Noah, diga isso.”

“Porra.” Passei a mão pelo rosto. “Sinto muito mesmo por estar falando isso, mas ele também tinha controle sobre você depois que você morreu. Você foi direto do hospital da família para a funerária da família, e Beau foi com você em cada passo do caminho porque alegava não suportar a ideia de outra pessoa mexer com a esposa dele. E se ele a manteve em coma induzido o tempo todo? O funeral foi de caixão fechado, apesar de seus pais insistirem para vê-la uma última vez. Ele até foi com você no carro funerário. E se todo esse controle e coerção fossem para que ninguém testemunhasse ele administrando drogas? E se o plano fosse mantê-la fora do corpo até o enterro, onde ele acreditava que você simplesmente sufocaria até a morte enquanto dormia? Normalmente, só há oxigênio suficiente em uma sepultura para

uma ou duas horas de vida, e ele devia saber disso. O fato de você ter conseguido sobreviver por pelo menos oito horas é um verdadeiro milagre. É por isso que eu implorei para que você ficasse calma. Eu estava preocupado que, se você continuasse respirando com dificuldade, seu ar acabaria mais rápido.”

Ao meu lado, ela se encolheu, começando a chorar novamente.

Droga, eu *sempre* faço isso. E sempre piora as coisas.

Inclinei-me e soltei o cinto de segurança dela – minha casa ficava a apenas algumas centenas de metros dali – e a arrastei pelo banco. Ela não resistiu, apenas se deixou cair ao meu lado.

“Desculpe. Eu não deveria ter dito nada disso.”

“Não, não peça desculpas,” disse ela entre soluços. “Eu precisava ouvir isso. E acho que você pode estar certo. Meu Deus, o que eu *faço*, Noah?”

Girei o volante com uma mão, entrando na minha garagem. “Sei lá. Vamos por partes, então. Primeiro, a gente te leva para dentro e te dá um banho. Tenho um monte de roupas extras para você vestir. Depois a gente se preocupa em te alimentar. Em seguida, a gente vê o que fazer. Só saiba que você é mais do que bem-vinda para se esconder lá em casa pelo tempo que quiser. Meu vizinho mais próximo é o Mike Green, a uns 800 metros daqui, e aquele velho rabugento é bem reservado. Ninguém vai te incomodar aqui, principalmente porque, bem...”

“Todos pensam que estou morta,” concluiu ela.

CAPÍTULO 4

Noah

Abri a porta para Emma e deixei que ela entrasse antes de mim. Ela parou na soleira, o olhar percorrendo o interior escuro.

Estendi a mão por cima dela para acender a luz na parede, e uma luz suave invadiu o ambiente vinda do teto. Esta cabana de madeira era pequena, com a cozinha à direita e a sala de estar à esquerda, e uma grande lareira de pedra ocupando a parede do fundo. Por causa da madeira em abundância, a decoração era simples e em tons claros, para equilibrar o espaço. Não podia levar o crédito por isso. Minha ex, Maisie, era quem tinha bom gosto para design, e ela fez um ótimo trabalho me ajudando a escolher móveis que encontrassem um equilíbrio entre estilo e durabilidade.

Meus olhos percorreram o espaço, torcendo para não ter deixado uma cueca pendurada no encosto do sofá ou algo do tipo. Felizmente, parecia limpo.

“Bonita,” disse Emma.

Eu a empurrei para a frente para que eu pudesse fechar a porta atrás de nós. “Você parece surpresa.”

“Ah! Desculpe, não, eu só quis dizer...” Ela parou de falar, semicerrando os olhos e franzindo a boca. “É, estou surpresa.

Esperava muito mais xadrez e cabeças de animais empalhadas nas paredes. Nem está com cheiro ruim aqui. Muito impressionante.”

“Nossa, o padrão tá baixíssimo.”

Ela fez uma careta. “É verdade. Para minha defesa, tudo o que ouço das minhas amigas solteiras são histórias de terror sobre encontros. Você não acreditaria na quantidade de homens solteiros nesta cidade que colocam seus colchões direto no chão.”

Inclinei-me para desamarrar as botas. “Nem mesmo um estrado?”

“Não.”

“Pagãos.”

Tirei os sapatos e ela fez o mesmo.

“Vamos lá,” eu disse. “Vou te mostrar onde fica o banheiro.”

Subimos as escadas e eu segurei a porta aberta para ela, agradecido, mais uma vez, por ter esfregado tudo recentemente e por estar limpo. “Quer que eu te mostre como funcionam os registros do chuveiro?”

“Sim, por favor,” disse ela em voz baixa. Parecia que ela estava começando a se retrair, como se estivesse revivendo más lembranças, ou como se estivesse tão sobrecarregada por tudo o que havia acontecido que não conseguia estar presente naquele momento.

Falei devagar, em voz baixa, enquanto ligava a água e mostrava a ela como ajustar a temperatura, antes de indicar onde

estavam as toalhas e os produtos de higiene extras. Depois, fui em direção à porta.

“Vou começar a preparar o jantar enquanto você...”

Ela agarrou meu braço. “Espere.”

Virei-me e a vi olhando para mim com olhos arregalados e aterrorizados.

“Por favor... não me deixe.”

Merda.

Eu a abracei novamente, meus braços envolvendo seus ombros, meu coração se partindo por ela mais uma vez. “Eu não vou embora,” eu disse. “Vou ficar lá embaixo. Aliás, você provavelmente me ouvirá fazendo barulho lá embaixo o tempo todo.”

Emma balançou a cabeça contra meu peito. “Você pode... ficar aqui dentro?”

Eu me enrijei, e ela deve ter percebido, porque se apressou em se corrigir.

“Desculpe. Você não precisa. Meu Deus, você deve me achar uma criança mimada.”

“Não acho. E vou ficar,” eu disse a ela. “Faz sentido que você não queira ficar sozinha. Eu só estava preocupado que você se sentisse desconfortável com um estranho rondando por aqui.”

Ela recuou o suficiente para olhar para mim. “Você não é um homem estranho.”

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Valentine's Slay Navessa Allen" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).